

## **CIDADE MÉDIA E CENTRALIDADE: MOGI-GUAÇU E SUA FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO A PARTIR DO CENTRO**

### **CITY AND CENTRALITY: MOGI-GUAÇU AND THEIR FORMATION AND DEVELOPMENT FROM THE CENTER**

**Ulysses Melo Carvalho<sup>1</sup>**

**Resumo:** A discussão a partir do surgimento e desenvolvimento das cidades ao longo da história é algo desafiador para a geografia, afinal o espaço urbano é dinâmico e heterogêneo dentro de múltiplas possibilidades, assim, cada cidade se torna cada vez mais singular. A geografia é importante para a compreensão multiescalar das cidades, ou seja, tanto para o estudo das metrópoles e das redes urbanas quanto nos espaços intra-urbanos. Dentro da hierarquia urbana atual, as cidades médias se destacam desempenhando um papel intermediário entre as metrópoles, grandes cidades e as cidades pequenas. Partindo-se do espaço intra-urbano existem várias possibilidades de estudo, este trabalho se propõe a uma discussão sobre centro e centralidade na cidade de Mogi-Guaçu, no Estado de São Paulo. O centro de Mogi-Guaçu permanece imutável, mesmo com o avanço e desenvolvimento que a cidade está sofrendo. Esta compreensão é importante, pois este espaço público é o local onde ocorre a maioria dinâmica cultural e econômica da cidade desde seu início e, mesmo com novas estruturas como shoppings e centros comerciais, permanece como palco de intensas relações sociais.

**Palavras-chave:** Cidades; redes urbanas; cidades médias; centralidade; Mogi-Guaçu

**Abstract:** The discussion about birth and development of the cities throughout history is a challenge to geography, because the urban space is dynamic and heterogeneous within multiple possibilities and each city becomes increasingly unique. Geography is important to understand the cities from the multiple scales perspective, this is, the study of the metropolis and the urban network as well as intra urban space. Within present urban hierarchy the mid-sized cities are in evidence, playing an intermediary role between metropolis, large cities and small cities. There are several possibilities of study within the perspective of intra urban space. And this paper presents a discussion about center and centrality in the city of Mogi-Guaçu, in the state of São Paulo. The center of Mogi-Guaçu remains immutable, despite the changes going on in the city. To understand this is important because this public space has been from the beginning the locus of large part of cultural and economic dynamics of the city and despite the growth of new structures such as shopping and commercial centers, it remains the stage of intensive social relations.

**Keywords:** Cities; urban networks; mid-sized cities; centrality; Mogi-Guaçu.

---

<sup>1</sup> Bacharel e Licenciado em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, ano 2008. E-mail: ulyssesgeo@gmail.com

## Introdução

As formas de organização espacial da sociedade sempre estiveram ligadas ao seu modo de produção, à maneira como o espaço foi utilizado para a reprodução da sociedade. Assim, talvez a mais antiga dicotomia existente seja a urbano x rural. O surgimento das cidades está ligado ao fim do nomadismo, quando os homens que viviam em constante migração à procura de terras cultiváveis passaram para um estado de sedentarismo, fixando-se em um ponto do território, a fim de aproveitar melhor a terra por meio das mudanças ocorridas na Revolução Agrícola da Antiguidade (MUNFORD, 2004). As cidades, portanto, não são recentes, pois estão presentes no seio das sociedades humanas há alguns milênios.

Porém, ao longo da história, as cidades passaram por períodos de ascensão e declínio. Na Antiguidade Clássica, período dos Impérios, como o Romano, as cidades caracterizavam uma forma de legitimar o poder do império sobre uma determinada área. Dessa forma, muitas cidades surgiram e, por conseguinte, começava a se delinear uma rede urbana em algumas partes do mundo. Por outro lado, há períodos em que as cidades entraram em declínio, como na Idade Média, quando a vida estava baseada nos feudos, em outro modo de produção<sup>2</sup>.

Com o advento do capitalismo as cidades proliferaram-se, tornando-se o *locus* da produção e reprodução desse sistema, onde a riqueza se acumula; de onde a vida emana e partem as inovações, sendo hoje o principal local de reprodução da sociedade. Muitos países ainda concentram a maior parte de sua população nas áreas rurais, como a China, país mais populoso do mundo e que, no ano de 2009, possuía 59,5% de seus habitantes no campo, de acordo com informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE<sup>3</sup>). Por outro lado, muitos países, ao longo do último século, mudaram significativamente sua estrutura demográfica, passando a ser essencialmente urbanos, como é o caso do Brasil, país predominantemente rural no início do século XX e hoje com mais de 80% de seus habitantes vivendo em áreas urbanas<sup>4</sup>.

A concentração de população em áreas urbanas é bastante heterogênea, indo desde vilas até as grandes megalópoles. Cerca de 50% da população mundial vive em cidades com menos de 500 mil habitantes, o que demonstra haver certa concentração de população urbana nestes espaços. Mas também há uma quantidade expressiva de população vivendo em grandes centros urbanos, já que aproximadamente 39,5% da população urbana mundial vivem em cidades com mais de um milhão de habitantes (OLIVEIRA, 2008).

No Brasil, o processo de urbanização ganhou força ao longo do século XX, sobretudo após a década de 1950, com o impulso dado à industrialização pelo presidente Juscelino Kubitschek. A instalação de indústrias nas cidades abriu um leque de oportunidades de emprego, o que levou a população do campo a se deslocar para os espaços urbanos. Com isso, as cidades com os maiores parques

<sup>2</sup> Neste período grande parte das cidades européias se originou, mas a rede urbana existente retraiu-se.

<sup>3</sup> Canal "Países @" do IBGE.

<sup>4</sup> Possuir maior população urbana, não é, exatamente estrutura demográfica, mas situação de domicílio. Lembrando, também, que há polêmicas acerca da definição do urbano, legalmente no Brasil.

industriais, como São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, começaram a receber grandes levas de migrantes, concentrando imensos contingentes populacionais.

O rápido crescimento dos centros urbanos não permitiu que estivessem preparados para receber grandes contingentes populacionais. Desse modo, a concentração de pessoas nas metrópoles brasileiras começou a gerar problemas, como a ocupação de áreas de várzeas, morros e encostas, carência de saneamento básico, sistema de transporte público deficitário, ausência de energia e de telecomunicações, ou seja, falta de condições básicas para o bem-estar da população, resultando graves problemas sociais, entre eles, a violência.

Dessa forma, constatou-se não ser mais interessante o crescimento exacerbado das áreas metropolitanas, sendo necessário criar algum mecanismo para barrar os constantes fluxos migratórios para os espaços urbanos. No Brasil e na França (que passava por situação semelhante, devido à concentração de população em Paris) a solução encontrada foi o desenvolvimento de centros urbanos que fossem capazes de receber os fluxos migratórios e garantir uma melhor qualidade de vida às pessoas. Isso levou ao desenvolvimento das cidades médias<sup>5</sup> que, inclusive, passaram a ser foco de políticas públicas no Brasil a partir da década de 1970, como a PNDU<sup>6</sup> (Política Nacional de Desenvolvimento Urbano), cujo objetivo, entre outros, era o desenvolvimento de pólos secundários e centros periféricos de médio porte em todas as regiões do país.

Apesar de 50% da população mundial viver em cidades médias e pequenas e de todo o apoio político ao desenvolvimento das cidades médias no Brasil após a década de 1970, ainda são poucos os estudos na Geografia Urbana brasileira que se dedicaram a estudar estes espaços urbanos, já que, tradicionalmente, os espaços urbanos mais estudados no país são os metropolitanos.

Com os incentivos governamentais ao desenvolvimento das cidades médias, estas passaram a ter novos papéis nos sistemas urbanos, tornando-se alvos de investimentos, inovações e propagação de idéias. Estas mudanças ocasionadas pelas cidades médias no sistema urbano brasileiro e as constantes redefinições de seus papéis na rede urbana têm sido estudadas por pesquisadores brasileiros, o que levou à recente criação da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (RECIME)<sup>7</sup>. Essa rede está criando uma metodologia de estudo para as cidades médias, visando compreender as redefinições de seus papéis e entender como se configuram tais cidades no atual momento.

Além das modificações que as cidades médias tiveram perante a rede urbana, também ocorreram mudanças significativas no espaço intra-urbano. Tradicionalmente, as cidades possuíam um centro único, polarizador das atividades de comércio, serviços e consumo interno. Com o crescimento populacional das cidades, os novos habitantes passam a ocupar novas áreas, expandindo o tecido urbano e criando a necessidade de outras áreas comerciais. Além disso, o desenvolvimento dos transportes públicos e a “invasão” do automóvel na sociedade

<sup>5</sup> O termo cidade média demanda certo cuidado, pois este é muito utilizado para caracterizar as cidades que tem uma função de intermediação diferindo do significado de “cidades de porte médio”, ligado ao seu tamanho demográfico (SPÓSITO, 2007).

<sup>6</sup> É bom considerar que este programa do governo militar não resolve nenhum dos problemas das metrópoles, mas, terminam por possibilitar nova oxigenação à dinâmica capitalista e a gerar novos problemas – em escalas e dimensões – diferentes das metrópoles.

<sup>7</sup> Mais informações disponíveis no portal da ReCIME: <<http://www.recime.org/>>

moderna contribuem para a acessibilidade dos habitantes às novas áreas da cidade. Assim, as áreas centrais passam por um processo de descentralização das atividades terciárias, ocasionando o surgimento de “novas centralidades” na malha urbana.

Assim, existe a tentativa de compreensão das dinâmicas de produção e reprodução do espaço urbano nesta nova disposição hierárquica da urbe diante deste novo olhar que as cidades médias adquiriram.

Atualmente, as metrópoles ainda concentram as principais atividades econômicas e também os nós das redes urbanas, porém as cidades médias estão adquirindo uma importância significativa, podendo ser representada inclusive pelo seu aumento de populacional nos últimos tempos. Egler (2008, p. 11) afirma que

[...] o processo de concentração populacional nos grandes centros urbanos é mais relevante que o fenômeno de difusão espacial da urbanização. Mas, ao mesmo tempo, a relação entre crescimento populacional/crescimento do número de cidades é bem mais importante para as *cidades intermediárias*, o que demonstra o dinamismo desta categoria de centros urbanos.

A discussão da hierarquia urbana e da rede de cidades “cujo componente principal é a metrópole – que é a cidade em rede – ocorre, também com as aglomerações de tamanho médio” (SPOSITO, 2008, p. 130), e os novos papéis que a porção intermediária da mesma representa, isto é, as cidades médias são necessárias para a compreensão de toda esta estrutura urbana.

## Dinâmicas urbanas

Como a cidade possui atualmente uma complexidade maior que no período anterior sua compreensão tem desafiado a geografia e outras ciências. Estabelecendo-se como um objeto único e fabuloso da pesquisa científica.

A compreensão do surgimento da cidade é explicitada por Rolnik (1995, p.21): “a origem da cidade se confunde, portanto com a origem do binômio diferenciação social/centralização do poder”.

Cada cidade ou *lócus* é singular, ou como diz Santos M. (2008, p. 32): “Quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, ‘únicos’”. Assim, cada cidade tem seu processo de formação único, seu crescimento e seu desenvolvimento. Enfim, cada espaço sofre de maneira diferente as mudanças ocorridas ao longo do tempo.

A cidade é onde se realiza o poder urbano exercido pelos agentes sociais dominantes, “o poder urbano funciona na cidade capitalista como uma instância que controla os cidadãos, produz as condições de acumulação para o capital e intervém nas contradições e conflitos na cidade” (ROLNIK, 1995, p. 70).

Este trabalho propõe a realização de uma análise do uso do espaço urbano da região e do município paulista de Mogi-Guaçu, observando as estruturas da cidade, desde sua formação e constituição até os dias atuais, salientando, principalmente, como esta evolução histórica foi construindo e reconstruindo as formas da *urbe*. Este estudo se inicia a partir de um resgate histórico, fundamental no entendimento de Ueda (2006, p. 141):

[...] a reconstrução da história ou das histórias urbanas é complexa, mas é necessária e fundamental para que se possa compreender como foram implantados os projetos modernizadores e saber quais os fatores e agentes sociais que atuaram nas transformações urbanas da cidade.

A cidade é onde se encontram o passado e o presente. Santos M. (2002, p. 24):

Ao longo de seu processo, a cidade, impõe valores funcionais, econômicos e simbólicos às suas diversas frações. Novos lugares são chamados a novas funções, velhos lugares se renovam inteiramente ou parcialmente, sendo arrastados ou conservando relíquias. A cada momento histórico, cada pedaço da cidade evolui diferentemente.

Nesta pesquisa procura-se demonstrar o processo de evolução das formas<sup>8</sup> do centro dentro da cidade numa perspectiva temporal. Também analisa como este município, em seu processo de desenvolvimento foi criando características que podem colocá-lo numa nova posição na rede urbana, ou seja, como uma cidade média.

As redes urbanas são um sistema complexo que possui um trânsito heterogêneo de fluxos. Esses fluxos são as trocas de bens e informações entre as cidades. Roberto Lobato Corrêa (1997, p. 94) afirma que

A rede urbana constitui-se no conjunto de centros urbanos funcionalmente articulados entre si. É, portanto, um tipo particular de rede na qual os vértices ou nós são os diferentes núcleos de povoamento dotados de funções urbanas, e os caminhos ou ligações os diversos fluxos entre esses centros.

Desse modo, as redes “influem e são influenciadas, pelas dinâmicas econômicas, variando e modificando ações e características na medida em que processos econômicos passam a ser alterados” (SILVA, 2006, p. 183).

### **As cidades médias**

As cidades médias são o elo entre dois lugares de características antagônicas. É o *locus* que apresenta tanto o tempo lento, quanto o tempo rápido. É a intermediação dos pontos distintos e opostos da hierarquia urbana. São como articuladoras das grandes e pequenas cidades. Isto é, apresentam um atributo intermediário na rede urbana (como por exemplo, a velocidade de fluxos) e/ou

---

<sup>8</sup> Entendido como “a disposição no espaço das várias partes da aglomeração urbana e o conjunto das relações espaciais que estas mantêm entre si e com o todo, como percebida pelo seu contorno, cor e textura” (SERRA, 1987, p. 99)

também exercem um papel regional, dependendo de sua localização. Bellet Sanfeliu e Llope Torné (apud Gomes, 2007. p. 15) afirmam que:

La ciudad intermedia es aquella que media entre extremos (entre el pequeño y el grande; entre el próximo y el lejano), que desarrolla funciones de intermediación entre espacios/escalas muy diversas (locales-territoriales-regionales globales); un nudo en que convergen y se distribuyen flujos muy diversos (de información, ideas, bienes y servicios); una ciudad-espacio de transición entre los territorios de lo concreto ( la escala local/regional) y el carácter etéreo y fugaz de lo global. En este punto reside una de las claves que ayuda a identificar las ciudades intermedias: su vínculo con el lugar, con el territorio o *hinterland*, no solo a nivus el funcional, sino también a nivel social y cultural. Las ciudades intermedias se convierten, en cuanto a sus funciones, en un centro de servicios y equipamiento (más o menos básicos) del que se proveen tanto los habitantes del mismo núcleo como aquellos aue residen en su área de influencia. Centros de servicios que interactúan con amplias áreas territoriales, más o menos inmediatas.

A compreensão desta dinâmica urbana, focada principalmente no valor que as cidades médias passam a deter, ressalta a importância da geografia, que vem aprimorando o seu estudo, conforme Sposito (2006, p. 175)

atribui-se a denominação “cidades médias” àquelas que desempenham papéis regionais ou de intermediação no âmbito de uma rede urbana, considerando-se, no período atual, as relações internacionais e nacionais que têm influência no conformação de um sistema urbano.

Este novo rearranjo se dá nas regiões que já apresentam um dinamismo, ou melhor, este processo não se dá de modo homogêneo no território paulista, e sim heterogêneo, privilegiando regiões que desempenham certo grau de crescimento e desenvolvimento. Neste processo é que surgem então as aglomerações urbanas, “formas de concentração urbana em nível sub-metropolitano, normalmente envolvendo essa categoria de cidade, que resultam em centros urbanos de maior dimensão, dando uma nova configuração à rede urbana”. (BRAGA, 2005, p. 2246).

A partir de um estudo realizado pelo IPEA (2008), ficou comprovado que “os municípios entre 100 mil e 500 mil habitantes têm maior dinamismo econômico principalmente no setor industrial (crescimento de 2,23% ao ano), seguido pelo setor de serviços (1,25%)”, o que esclarece para onde estão migrando as indústrias dos grandes centros. Segundo o mesmo estudo

as cidades médias foram aquelas que apresentaram uma maior taxa de urbanização, portanto, era esperado um crescimento mais elevado das atividades "urbanas" - setores secundário e terciário. Como resultado, haveria uma menor participação das atividades relacionadas ao setor agropecuário e uma queda do PIB agropecuário. (IPEA, 2008, p. 4)

Esta afirmação representa a importância e a significação das cidades médias, ou seja, estes locais não podem ser classificados apenas por sua quantidade de habitantes, mas pela sua posição no âmbito da hierarquia urbana, que, por sua vez, submete à rede urbana (SPOSITO, 2006, p. 175).

### O município de Mogi-Guaçu

O município está localizado na microrregião de Mogi-Mirim, na mesorregião de Campinas, segundo a classificação do IBGE para o Estado de São Paulo (Figura 1 e 2). Apresenta características diferenciadas de outros municípios de mesmo porte, por possuir um terreno basicamente plano. A expansão horizontal e a verticalização caracterizam elementos pontuais.

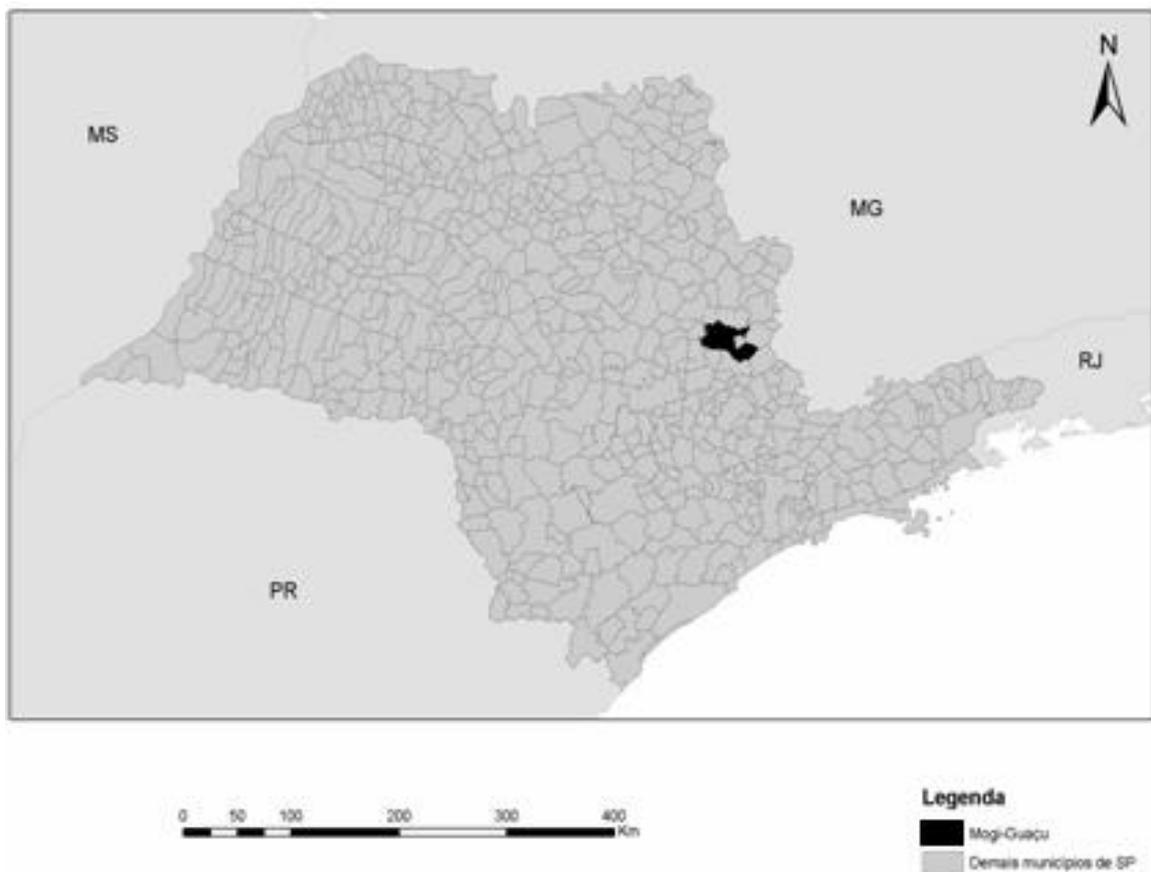


FIGURA 1 – O município de Mogi-Guaçu / Fonte: IBGE, elaborado pelo autor

Este município, cortado por um rio de mesmo nome, surgiu com o movimento bandeirante, servindo como passagem aos desbravadores. Somente com o advento do café, em São Paulo, é que a cidade começou a se desenvolver, projetando-se no cenário paulista a partir da segunda metade do século XX, especialmente após a década de oitenta, quando a reprodução do espaço se acelerou. Possui hoje cerca de cento e quarenta mil habitantes (IBGE), numa área

de oitocentos e treze quilômetros quadrados. As atividades do setor terciário tenderam a se concentrar no centro da cidade (local onde se iniciou a própria urbe, situado ao lado do rio e da antiga estação ferroviária)s espalhando-se sobre o espaço urbano ao longo dos anos, sobretudo em face ampliação das infra-estruturas urbanas.

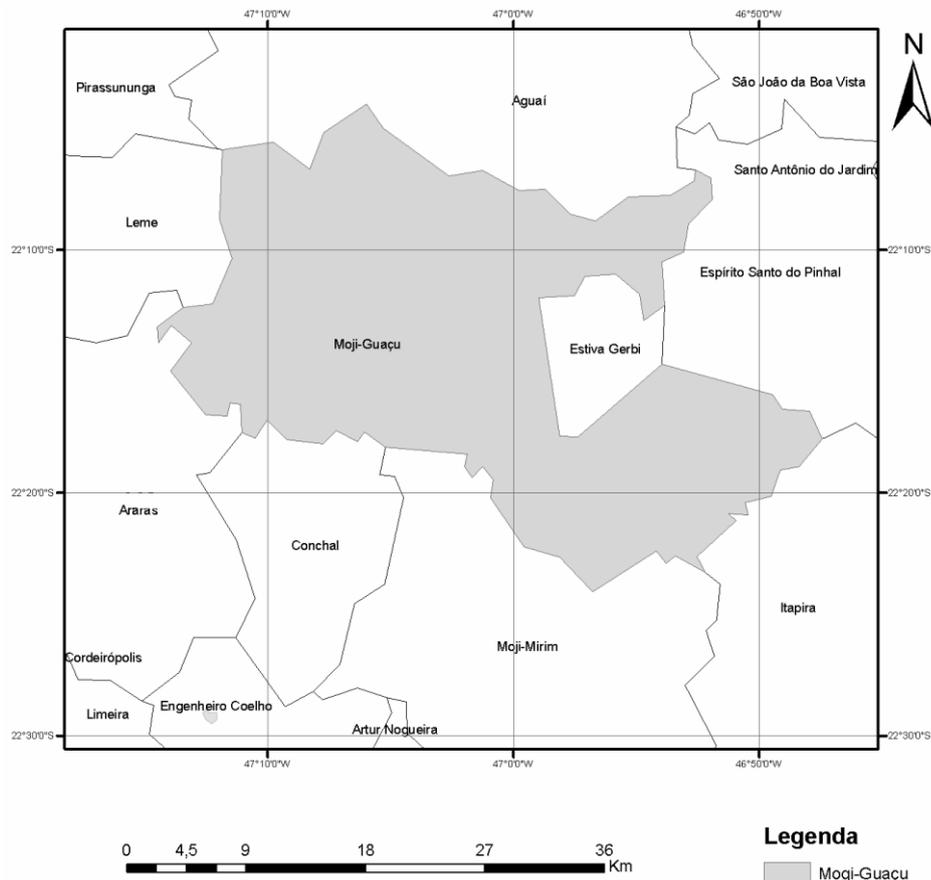


FIGURA 2 – O município de Mogi-Guaçu / Fonte: IBGE, elaborado pelo autor.

## Espaços centrais da cidade

Existe uma dicotomia entre centro e centralidade, pois eles devem ser pensados como “base” e a “territorialidade” respectivamente, como afirma Santos R. (2008, p. 30). Eles apresentam uma relação onde

Ambos se definem através de dinâmicas propulsionadas por determinantes objetivas, como as possibilidades de mercado dadas por uma localização qualquer, mas por outro lado, resultam também de determinantes subjetivas, definidas através dos conteúdos simbólicos produzidos historicamente ou de signos forjados pelas lógicas de mercado (2001, p. 238).

As áreas centrais das cidades oferecem características únicas e apresentam à dinâmica e o avanço econômico e territorial das cidades de certo período. Afinal, na maioria dos casos, com o crescimento econômico o centro tende a se deslocar para outras áreas, não extinguindo o centro inicial que abrigará ainda os comércios mais populares e fixos que perdem seu significado como praças e ruas, tornando-se espaços opacos ou não.

Com um bom planejamento, há a possibilidade de resgatar sua identidade e tornar-se, por exemplo, um centro histórico e cultural, abrigando estruturas arquitetônicas que fazem parte da história do local e também novas estruturas como teatros, bares e restaurantes. Em contrapartida, os “novos centros” surgem em locais onde há uma grande estrutura urbana pré-existente, facilitando a fluidez, ou pela idéia de “no plano simbólico, associa o moderno ao novo e por sua vez eles à vida metropolitana”. Neste caso, o comércio será de um padrão superior, além da implantação de novas instituições financeiras, Por fim, existem também os shoppings centers que apresentam muitas destas características citadas acima e se tornam também uma centralidade para uma população de maior renda. Carvalho (2005, p. 104) afirma:

A experimentação da paisagem nas cidades paulistas, por sua vez, é vivida e percebida atualmente não mais como poucas décadas atrás. O centro urbano original dessas cidades perde espaço (moradores, consumidores de alto e médio poder aquisitivo, investimentos públicos e privados etc.) para “novos centros” urbanos, ou grandes equipamentos instalados preferencialmente às margens de rodovias, como os shoppings centers.

Estas mudanças ocorrem, principalmente, com o avanço do capital sobre o território, acabando com algumas relações cotidianas até então, como ir à praça.

Nesse sentido, nas regiões onde a globalização entrou com mais força, como no Estado de São Paulo – o mais rico do país – houve uma ruptura com relação ao papel do centro urbano original nas suas principais e maiores cidades, não mais desempenhando a função de elemento congregador das diversas esferas e usos, palco das muitas manifestações da vida cotidiana. Essas características migrariam em parte para outros “novos centros” – no caso, os shoppings centers -, mas sem a mesma potencialidade do espaço público, da rua, da praça. (CARVALHO, 2005, p. 104)

Logo, com este deslocamento, há o fim de relações interpessoais entre os povos da cidade, pois o centro era um local onde se via heterogeneidade, onde habitantes de diversas áreas, religiões, raças e renda, pode-se dizer “encontravam-se”. Tourinho (2006, p. 280) diz que:

Ainda que não seja possível chamar esse espaço de democrático justamente por não ser um espaço igualitário, o Centro assume outra característica importante que pode diferenciá-lo de grande parte do tecido urbano: esta característica é a diversidade.

Todavia, os centros urbanos são locais cuja compreensão deve ir além de seus aspectos físicos, relevando seu significado diante da história e de uma grande

parte da população que ainda tem alguma relação com eles, mesmo sendo no passado.

### **Mogi-Guaçu e sua formação a partir do centro**

A discussão aborda o centro de Mogi-Guaçu, como forma/função, que ainda hoje se irradia a partir do mesmo local, em uma área que se estende desde o rio, entre as duas pontes, até o início da Avenida 9 de Abril. Ele (o centro de Mogi-Guaçu) contém estruturas novas e antigas, porém readaptadas, onde se encontra o comércio (vestuário, calçados, eletroeletrônicos, etc.), instituições financeiras (bancos convencionais e agências financeiras) e de serviços em geral (gráficas rápidas, restaurantes, lanchonetes, cursos profissionalizantes). Há também a presença do terminal de transportes urbanos. Um pouco afastadas, localizam-se a prefeitura e a câmara municipal, que estão numa área mais elevada da cidade.

Observando a área, nota-se o grande fluxo de pessoas e veículos nos dias úteis da semana. Este fluxo intenso é dificultado pelas ruas e calçadas estreitas, gerando congestionamentos.

Mesmo sendo um local em que não há uma fluidez como deveria, o centro ainda permanece no mesmo local, caracterizando um reflexo da resistência, como afirma Carvalho (2005), em seu artigo sobre o centro de Juiz de Fora, cujos apontamentos – consideradas as diferenças existentes entre os municípios, aplicam-se a Mogi-Guaçu:

A resistência oferecida por esses lugares aos processos globais permite a sua diferenciação (QUEIROGA, 2001, p. 5, apud SANTOS, 1996, p. 250-73). Assim podemos fundamentar a hipótese de que, em decorrência disso, Juiz de Fora possa ter permanecido “à margem” dessas mudanças por quase três décadas, permitindo-lhe uma continuidade no processo de experimentação e uso do espaço público (especialmente o espaço central) com a mesma intensidade de antes. (p. 104)

Esta resistência ainda ocorre em Mogi-Guaçu, embora se nota um lento deslocamento, principalmente por parte dos bancos, no eixo da Avenida 9 de Abril em direção a locais próximos à praça em que se dá o cruzamento da Avenida Bandeirantes, 9 de Abril e Chico de Paula.

Outra mudança na área central que deve ocorrer nos próximos anos é com a construção do Shopping<sup>9</sup>, que embora esteja próximo ao centro, deve promover uma migração de recursos, investimentos e de mercado consumidor para o local. Sobarzo (2004, p. 119) afirma:

O novo e o antigo têm fortes conseqüências nas cidades médias, podendo ser sentidas de maneira ainda mais forte que nos espaços metropolitanos. Com efeito, o impacto de uma nova forma de morar ou de consumir, em função do tamanho do mercado de uma cidade média, pode significar um processo muito mais acentuado de obsolescência das antigas formas de morar ou consumir.

---

<sup>9</sup> O *shopping* (centro comercial e dois hotéis da rede Accor) será construído próximo ao centro, onde havia uma antiga fábrica de cerâmica, é interessante observar esta adaptação do espaço, afinal havia uma rugosidade no espaço e os rearranjos comandados pelo capital tornam este local luminoso, ou seja com nova função.

O deslocamento do centro (centralidade), a construção do shopping, a instalação de novas indústrias e a conurbação que está ocorrendo com Mogi-Mirim, além de outros fatores, são ocorrências as quais estão relacionadas e de alguma forma apresentam o desenvolvimento do município dentro do sistema urbano, apresentando mais uma vez características de uma cidade intermediária<sup>10</sup>.

### Considerações finais

Mogi-Guaçu apresenta características próprias, sendo cortado por um rio e por uma ferrovia, que, inclusive, impulsionou seu desenvolvimento. Mas a peculiaridade se apresenta principalmente na presença da centralidade no mesmo local do centro histórico, não havendo um deslocamento, o que seria normal.

A pesquisa trouxe à discussão a hierarquia urbana e numa dimensão fundamental sua porção intermediária, a cidade média. Contudo, é necessário compreender toda esta rede por seus principais aspectos, a grande cidade ou metrópole tem de ser observada como o lócus da inovação e da produção, onde a velocidade dos fluxos é intensa, é o exemplo mais claro do período técnico-científico-informacional, ou onde a globalização atua de maneira mais homogênea sobre o espaço. Contrapondo a estes locais, existe a pequena cidade, onde a velocidade dos fluxos é lenta, e a globalização é mais pontual. Finalmente, as cidades médias são o elo entre estes dois lugares de características antagônicas. É o lócus que apresenta tanto o tempo lento, quanto o tempo rápido. É a intermediação dos pontos distintos e opostos da hierarquia urbana.

Discutir e analisar as cidades médias requer a compreensão da produção e reprodução do espaço intra-urbano neste período técnico-científico-informacional, que em grandes cidades ou metrópoles se torna mais evidente, porém é necessária esta compreensão fora dos grandes centros (SOBARZO, 2004), porque deve haver a concepção também de outras escalas.

É necessário também observar o espaço público da cidade, local das relações sociais. Segundo Sobarzo (2006, p. 94), “encontros estes que devem ser entendidos como a possibilidade de compartilhar os mesmos territórios com outras pessoas sem a compulsão de conhecê-las em profundidade”; podendo sofrer mudanças com a instalação de um shopping center e de outras estruturas mudando radicalmente o espaço e principalmente, o centro “herança da própria história do município” (WHITACKER, 1997, p. 259).

### Bibliografia

BRAGA, Roberto. **Cidades médias e aglomerações urbanas no estado de São Paulo: novas estratégias de gestão territorial**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo, 2005, p. 2241-2254

---

<sup>10</sup> Entende-se intermediária num significado de relações relacionado com fluidez” (GOMES, 2007)

CARVALHO, Giuliano Orsi Marque de. O centro de Juiz de Fora (MG) e os “novos centros”: paradoxos da urbanidade. **Oculum Ensaios: Revista de arquitetura e urbanismo**. Campinas: PUC – Campinas, n. 03, setembro 2005, p. 97-109.

CORREA, Roberto. Lobato. **Trajatórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

EGLER, Cláudio Antonio Gonçalves. **Subsídios à caracterização e tendências da rede urbana do Brasil. Configuração e dinâmica da rede urbana**. Disponível em <http://www.laget.igeo.ufrj.br/egler/pdf/Redeur.pdf> - Acesso em 12 de janeiro de 2008.

GOMES, Maria Terezinha Serafim. **O processo de reestruturação produtiva em cidades médias do oeste paulista: Araçatuba, Birigui, Marília, Presidente Prudente e São José do Rio Preto**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 de janeiro de 2010.

IPEA. Instituto de pesquisa econômica aplicada. **População e PIB das cidades médias q crescem mais que no resto do Brasil**. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf\\_release/32\\_release\\_PIBdascidades.pdf](http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf_release/32_release_PIBdascidades.pdf). 2008. Acesso em: 15 de agosto de 2008.

MUNFORD, Lewis. **A cidade na história**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de; CARLOS, Ana Fani Alessandri (orgs). **Geografia das metrópoles**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 277-299.

OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda. **Em busca de uma proposição metodológica para os estudos das cidades médias**: reflexões a partir de Uberlândia (MG). 2008.365f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SANTOS, Milton. Memória e Modernidade, In: **O País Distorcido**. Publifolha, 2002.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia.** São Paulo: EDUSP, 2008.

SANTOS, Rogerson Franklin dos. **A centralidade e o centro como dinamizador dos territórios: os serviços de saúde em Paranavaí – PR.** 2008. 130f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2008.

SERRA, Geraldo. **O espaço natural e a forma urbana.** São Paulo: Nobel, 1987.  
SILVA, Willian Ribeiro. **Para além das cidades: centralidade e estruturação urbana: Londrina e Maringá.** 2006. 280f. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, 2006.

SOBARZO, Oscar. **Os espaços da sociabilidade segmentada: a produção do espaço público em Presidente Prudente.** 2004. 221f. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, 2004.

SOBARZO, Oscar. **A Produção do Espaço Público: da dominação à apropriação.** In: GEOUSP, Espaço e Tempo 19. Revista de Pós-Graduação/ Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – nº. 19 (2006) – São Paulo: FFLCH/USP, 2006. p. 93 a 111.

SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOBARZO, Oscar.(Orgs). **Cidades médias: produção do espaço.** São Paulo: Expressão popular, 2006.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Redes e cidades.** São Paulo, Editora Unesp, 2008.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média.** Presidente Prudente: [s.n.], 2001. pp. 235-253.

TOURINHO, Andreia de Oliveira. In: OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de; CARLOS, Ana Fani Alessandri (orgs). **Geografia das metrópoles.** São Paulo: Contexo, 2006, p. 277-299.

UEDA, Vanda. **A construção, a destruição e a reconstrução do espaço urbano na cidade de Porto Alegre do início do século XX.** GEOUSP Espaço e Tempo. São Paulo, n. 19, p. 141-150, 2006.

WHITACKER, Arthur Magon. **A produção do espaço urbano em Presidente Prudente: uma discussão sobre a centralidade urbana.** 1997. 319f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, UNESP, 1997.

*Recebido em 06 de junho de 2010.  
Revisado em 16 de novembro de 2010.  
Aceito em 17 de novembro de 2010.*